

A Criação Fotográfica e o Aumento da Potência de Ação: experiências e possibilidades

The photography and creation Increased power of Action: experience and possibilities

André Strappazon¹; Beatriz Santa²; Francyne Wolff Werner³; Kátia Maheirie⁴

Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina.

[Endereço para correspondência](#)

Resumo

Este artigo versa sobre uma experiência de trabalho em Psicologia Social-Comunitária na qual utilizamos a fotografia como instrumento de intervenção psicossocial, junto a sete jovens moradores de uma localidade da periferia de Florianópolis. Relata-se o desenvolvimento de atividades na dimensão da educação estética com o intuito de apurar modos de sensibilização por meio de objetivações imagéticas e suas discussões. Nossos objetivos giravam em torno da potencialização da imaginação e, especialmente, dos processos de criação, por meio da produção de sentidos acerca do fazer fotográfico, aprimorando a potência de ação destes jovens com relação a si mesmos, ao grupo e à comunidade. A partir da experiência junto a estes sujeitos, traça-se uma análise sob o olhar da psicologia sócio-histórica contemporânea, levando em conta seus relatos acerca de suas experiências de vida e os novos sentidos que atribuem a seu cotidiano.

Palavras-chave: Psicologia Social, Fotografia, Processos de criação.

Abstract

This article is about an experience of working in Social Psychology-Community in which use the photograph as an instrument of psychosocial intervention, with the seven young residents of a town's outskirts of Florianopolis. We report the development of activities in the aesthetic dimension of education in order to establish modes of awareness through images and their discussions. Our goals were the potential of the imagination, and

especially the processes of creation, through the production of photographic senses about how, improving the power of action of these young people with regard to themselves, the group and the community. From the experience with these subjects, traced to an analysis under the gaze of contemporary psychology socio-historical, taking into account their reports about their experiences of life and new meanings they attach to their daily lives.

Keywords: Social Psychology, Photography, Process of creation.

Introdução

Múltiplos são os espaços pelos quais a Psicologia Social-Comunitária pode lançar seu olhar e criação, e diversas são as formas de atuação que a universidade, a partir de um curso de Psicologia, pode se valer para extrapolar o cotidiano acadêmico e desfrutar de vivências éticas e estéticas a construírem trajetórias no campo “psi”. Neste sentido, o compartilhar desta experiência carrega consigo o desejo de potencializar estudantes e profissionais a criarem campos e instrumentos de pesquisa e intervenção, pois a ética e a estética, férteis à contemporaneidade e a subjetividade humana, nascem imbuídas de alguma ousadia.

Trataremos aqui de uma experiência na qual lançamos mão da fotografia como instrumento de intervenção psicossocial junto a jovens num contexto comunitário da cidade de Florianópolis-SC. Nosso interesse vai ao encontro da complexidade que se desfralda no contemporâneo, em especial, das várias formas de discursividade na construção de subjetividades que, se potencializadas positivamente, objetivam um viver mais digno e alegre. Deste modo, reportamo-nos ao desfile e uso dos aparatos técnicos, em nosso caso, a câmera fotográfica, a produzir discursividades que nos tomam os sentidos e a partir das quais alargamos horizontes psíquicos e vislumbramos novos olhares na distensão do tempo e espaço.

Estas palavras dirigir-se-ão à compreensão da fotografia, assim como da exposição fotográfica¹, sob prisma de seu potencial na re-significação biográfica dos sete jovens participantes das oficinas desenvolvidas e, também, da possível abertura a novas reconfigurações do contexto comunitário esteio de nossas atividades.

Reflexões Preliminares

O compromisso ético, afetivo e político com as variadas socialibilidades e com a alteridade, são possibilitares de acinte resistência e criação frente às situações de miséria material e emocional as quais muitas pessoas são submetidas diariamente. A esse respeito, Freire aponta que,

(...) o papel do trabalhador social que optou pela mudança não pode ser outro senão o de atuar e refletir com os indivíduos com quem trabalha para conscientizar-se junto com eles das reais necessidades da sua sociedade (1985, p. 56).

Neste universo, a necessidade de pensar a prática psicológica num contexto comunitário, impõe-se como movimento que se realiza de modo a questionar teorias e práticas tradicionalmente instituídas, configurando-se como busca de novas maneiras de delimitar os campos de pesquisa/atuação e construir instrumentos de análise e intervenção que dêem conta da humanidade ética, estética e política do ser humano. Sob esta ótica, comprometidos estamos com uma ciência que rume do cientificismo e tecnicismo excludentes e lucrativos para um modo de ser e fazer ciência e humanidade ética e estética (Guattari, 2004) e, também, com a condição ontológica fundamental do ser humano culturalizado e histórico: sua capacidade de criar (Vygotski, 2003) e de transcender (Sartre, 2000).

A acumulação flexível do capital, inscrita na ordem do dia, opera de forma sutil e volatilizada na organização social produzindo efeitos de subjetivação e objetivação fragmentadores de grupos e classes sociais tradicionalmente delimitados. Aponta-se para interfaces da realidade cada vez mais complexificadas a delinear processos múltiplos na constituição do sujeito. Este é aqui compreendido como construído a partir da relação dialética entre objetividade e subjetividade, ou seja, um ser sujeito que se constitui pelas relações sócio-históricas que estabelece com o mundo e consigo mesmo instaurado do movimento simultâneo do imediato e do devir, do vir-a-ser (Maheirie, 2002).

A fragmentação contemporânea, em grande parte agraciada por nossas produções

midiáticas superficiais e homogeneizadoras de desejos e informações, faz do individualismo competitivo um modelo imperioso a ser subjetivado. Em contraposição a tal forma de ser e estar no mundo, entra em cena todas as formas de horrores sob os auspícios de diferentes formas de fundamentalismos (Sawaia, 1999a).

O *mass media*, controlado por um oligopólio globalizado de interesses privados, engendra modos de subjetivação intensamente infantilizados, pois calcados na busca pela satisfação mais imediata de desejos (construídos na dialética de objetivação e subjetivação publicitárias) por bens de consumo efêmeros (os quais a própria mídia oferece). Nesse contexto, onde a subjetivação narcísica é exaltada, quem não detém o poder do consumo é excluído, desvalorizado socialmente e humilhado e, destarte, almeja certa consideração e visibilidade por meio do consumo de produtos culturais simbólicos, os quais se instauram como códigos de pertenças sociais. Não deixamos de conferir fundamental importância à complexidade do processo de exclusão, posto que este:

É processo sócio-histórico, que se configura pelos recalques em todas as esferas da vida social, mas é vivido como necessidade do eu, como sentimentos, significados e ações. (...) Destaque também é dado à contraditoriedade que o constitui: a qualidade de conter em si a sua negação e não existir sem ela, isto é, ser idêntico à inclusão (inserção social perversa) (Sawaia, 1999b, p. 8).

Partimos de uma realidade caracterizada pela violência, principalmente, pela violência econômica e política transnacional, as quais mostram o mal como fruto da perversidade de poucos. Uma violência soldada a uma ética como discurso ideológico também violento, que não é a ética por nós pensada e objetivada. A ética em vigor opera pelo discurso/prática da vitimização, a qual coloca o poder e o saber nas mãos dos piedosos e, a estes, cabe trazer a justiça aos injustiçados e sofredores. Essa violência escamoteada pelo discurso da ética é a própria destituição do sujeito ético e político (Chauí, 2003) e, assim, estrutura-se como elaborada sutil ferramenta mantenedora das disparidades sócio-econômicas e culturais.

Em contextos de periferia urbana é recorrente e, muitas vezes, subjetivada, a

violência juvenil exercida por meio de homicídios e ameaças, principalmente no âmbito do narcotráfico. O que nos faz pensar, apesar da complexidade do tema, na expressão desse tipo de violência como quebra da invisibilidade social que cotidianamente se reitera em suas vidas, perfazendo-se como meio para exercer o poder e influir nos processos sociais e políticos.

Criação Fotográfica: estratégia de intervenção em práticas sociais

Uma questão que flutua pelos ares e escorre por todos os corpos quando evocamos os temas estética, criação e contemporaneidade, refere-se à construção do olhar humano e das mais variadas formas de sensibilidade que desfilam no sócio-histórico. As significações, em sua dialética constitutiva, chamam-nos a reflexões e criações acerca do que dizem e efetivamente criam na materialidade sobre o sujeito e o mundo que invade sua vida. Neste sentido, as produções tecnológicas de todas as épocas são dispositivos que ressoam sobre a subjetividade humana, e delineiam o que esta objetiva em seu viver, num passeio dialógico e cultural que abriga uma infinidade de possibilidadesⁱⁱ.

Estas tecnologias - não sua materialidade em si, mas o uso que dela se faz e os significados que (re) suscitam – são importantes mediadores nas estratégias de intervenção psicossocial. E mostraram-se, nesta experiência, como ricos dispositivos a possibilitarem aventuras potencializadoras nos campos da imaginação, relação estética e criação, oportunizando uma experiência a partir da qual os jovens envolvidos se fizeram mais sujeitos da ação potencializada e de si mesmos, mais como autores do que como seres sujeitos às intempéries que lhes acometem.

Os processos de criação se caracterizam por uma apropriação de saberes anteriores que, decompostos por meio do imaginário, são recombinações de outra forma, trazendo novos elementos para a realidade, na medida em que são objetivados (Vygotski, 2003). Portanto, processos de criação implicam sempre em movimentos de subjetivação e objetivação de sujeitos em relação, apontando para o caráter inexoravelmente transformador do humano.

A partir desse contexto de idéias, ideais e desejos, trabalhamos com a fotografia. A imagem está inscrita na dimensão das relações estéticas e criativas – estas que congregam

razão, afetividade, corpo e desejo. De forma que concebemos

(...) o discurso visual, como produto cultural e veiculador de significados sociais. O qual medeia à prática psicológica e o conhecimento das relações entabuladas e dos significados atribuídos à sociedade em geral e àquele contexto social específico. Bem como, é instrumento para a compreensão dos lugares sociais em que os discursos visuais ou verbais são (re)produzidos (Werner; Cabral & Zanella, 2006).

A fotografia é recurso que recupera a atenção, afeto e reflexão sobre percepções e objetos mecanizados, inscrevendo modos de subjetivação frente ao estranhamento do comum, num processo de desnaturalização do sócio-histórico. Trata-se da imagem como um ícone da realidade, que cria a possibilidade de tornar visível o aspecto semiótico ou sógnico da realidade. Posto que o discurso imagético, embora “nem sempre remeta ao visível, toma alguns traços emprestados do visual e, de qualquer modo, depende da produção de um sujeito: imaginária ou concreta, a imagem passa por alguém que a produz e que a reconhece” (Joly, 1996, p. 13).

Fotografar é narrar o que antes escapava ao olhar, ao pensar e ao sentir, onde novos sentidos tomam a cena e o ‘click’ momentaneamente versa sobre a escolha do (con)texto a ser analisado como revelador da permanente tensão e comunicação entre o real e o imaginário, a subjetivação e a criação. Socializar a imagem ao grupo, assim como em exposição oficial ao outro, é submeter-se às negociações de significados, é estar na esfera dialógica e alteritária da qual jamais se saiu. Neste sentido, dizemos de situações nas quais os jovens puderam pensar seus olhares e estranhar seus modos de representar a realidade subjetiva e objetiva ao fazer uso dos produtos técnico-culturais de sua época.

A Experiência e seus Contornos

O trabalho foi desenvolvido na Comunidade Mar Azulⁱⁱⁱ, localizada no bairro Dunas Claras, na cidade de Florianópolis-SC, junto a um grupo formado por sete jovens. As atividades foram empreendidas num total de oito oficinas por mês durante todo o período

de agosto de 2006 a fevereiro de 2007. Os encontros oficinairos foram calcados na dimensão política e estética da educação e sensibilidade, na ordem do estranhamento, da criação de realidades outras.

Nossas primeiras incursões naquele contexto foram configuradas por descobertas e curiosidades, uma vez que se tratava de um contexto com práticas e códigos específicos e que escapam aos muros da universidade. Estávamos construindo com os jovens participantes das oficinas e, mesmo com os moradores da comunidade, um espaço psicossocial de interlocução. Diálogo com um lugar carregado de materialidade e subjetividade ímpares. Na memória dos sujeitos moradores desta comunidade inscreve-se a história de uma sócio-espacialidade que lhes timbra histórias e suas vidas mais ordinárias.

Em meio ao conflito entre facções que comandavam o narcotráfico na região, nasce a Comunidade Mar Azul, área antes pertencente à Comunidade Grande Oceano, com a qual, hoje, faz fronteira, desenha-se, então, uma rivalidade com regras a ditar relacionamentos e cotidianos. Tal configuração é entretecida por um clima permanentemente tenso, pois irrupções violentas entre os dois poderios podem acontecer a qualquer momento. As fronteiras entre os dois contextos comunitários são reais e imaginárias. Em espaço físico, nosso lócus conta com a limitação estruturante de três quadras aproximadamente, já as fronteiras subjetivas são várias e caracterizam memórias de dor e perda no âmbito do crime organizado. O contexto nos leva à vivência de um texto a ser lido sob a intensidade dos afetos, do vínculo, da crueza e da esperança, antes parcamente estampado em manuscritos alheios e outros veículos de comunicação.

A fim de assegurar um clima de respeito e maior confiança, conversamos com os sujeitos que ocupam lugares sociais permeados por exercícios de poder naquele contexto comunitário, esclarecemos a proposta inicial e o motivo dos encontros com os jovens que participariam das oficinas. Aqueles gostaram do projeto, solicitando que os mantivéssemos informados sobre o andamento do trabalho. O acordo foi configurado de forma propícia ao desenvolvimento das atividades.

Com o passar do tempo, o vínculo com os participantes dos encontros estéticos foi se consolidando e as oficinas consagraram-se como espaço carregado de uma postura afetivo-volitiva que se desenhava na intersubjetividade, o que facilitou uma compreensão conjunta das necessidades e possibilidades daquele grupo. Das palavras dos jovens emergia

a queixa de não ter voz, totalizando um sentimento de invisibilidade, sofrimento comum a quem é aprisionado pela ausência de bens relativos à sobrevivência, prazer, alegria, realização e, também, do consumo de bens diversos. A impossibilidade da objetivação da voz era mediada pelo medo do preconceito, da violência e da represália. É o que expressa Bruna:

Aqui acontece muitas coisas que a gente não pode falar pra ninguém lá fora né (sic)... aí a gente fica, assim, com aquilo aqui dentro querendo falar, desabafar... por causa das violências que acontecem a gente fica meio que traumatizado... e não tem como contar para outras pessoas, porque vão julgar a gente, e se os guris daqui souberem vai ficar ruim pra nós^{iv}.

Este sentimento de mutismo, construído histórica e culturalmente, simultaneamente é vivido como sofrimento psíquico a cercear o fluir do sujeito - em sua vida imaginativa, estética e criativa - diminuindo sua potência de ação. Esta é compreendida como o direito que todo indivíduo do mundo tem de se afirmar de forma positiva, expandir-se em direção a uma maior liberação das afecções que lhe tomam o corpo a partir de uma ética da heteronomia (Espinosa, 1988).

Todos os encontros tiveram como norte a potencialização da imaginação e dos processos de criação para o melhor aproveitamento da proposta que era configurada: a expressão cultural por meio da fotografia. A guisa de exemplo, uma importante oficina será relatada. Formamos uma disposição circular, num clima de curiosidade, foi apresentado o funcionamento de uma câmera fotográfica digital, a mesma passou pelas mãos de todos, artefato inspirador de expectativas. Após algum treino com a câmera, foi solicitado aos jovens que, de olhos cerrados, visualizassem o transcurso de um dia ordinário de suas vidas naquele contexto, num movimento de contato e aprofundamento cada vez maior com essas imagens, com o objetivo de que eles fossem vislumbrando momentos, encontros, gestos, desejos, tarefas no decorrer de um dia comum.

Pedimos para que eles se imaginassem enquanto uma câmera fotográfica, um olhar digital a registrar atentamente seus ambientes cotidianos, tomando nota visual e sensível do que rotineiramente não é percebido em seus entornos e relações, numa inscrição estética, onde os mínimos detalhes são coloridos e (de)flagrados pelo olhar. Desnudava-se, então, a

pretensão de nosso primeiro ensaio fotográfico. Este se desenhou a partir de um passeio estético, de um caminhar e um olhar diferenciado, pelos contextos da comunidade. A consigna era de que, portando a câmera fotográfica, cada um registrasse paisagens, situações e objetos que lhes chamassem a atenção, num ato de estranhamento do familiar.

Todos expressaram desejo e atenção no desenvolvimento do ensaio. Naquele momento, eles estavam no lugar social do fotógrafo, daquele que imprime sua marca no discurso imagético e, sob rol da polissemia, cria outras realidades a serem interpretadas e vivenciadas. A disputa pela única câmera de que dispúnhamos era grande. Os enquadres e os temas das imagens eram os mais variados e performativos. Após boa exploração do espaço comunitário, plugamos a câmera numa televisão e as imagens foram socializadas, apresentadas por cada autor, e significadas por este e pelo coletivo. As significações acerca das imagens foram muito proíficas e denotaram a sua polissemia, com boa capacidade de crítica e simbolização, fortalecendo laços grupais em relações dialógicas pautadas na alteridade. Esse encontro foi muito prazeroso e produtivo e despertou uma mobilização do grupo antes não vista.

Outras oficinas fotográficas foram realizadas ao longo do trabalho, possibilitando a produção de imagens variadas, de forma que os jovens se lançassem em movimentos de estranhamento da realidade vivenciada e suas re-criações. Ao longo do processo percebemos um grande número de fotografias que veiculavam as próprias imagens dos jovens, com poses e acenos, frutos de códigos peculiares ao *hip hop* pelos garotos, e poses mais elaboradas pelas garotas. Fotos que denotavam uma solidariedade entre eles também foram comuns, como as que traziam abraços, beijos, troca de carinhos.

A escolha por tomar a si como objeto do discurso visual, também aponta para um reconhecimento de si por si mesmo e pelos outros, e reflete certo lugar de invisibilidade em que eles são remetidos como cidadãos, igualmente a tantos outros jovens moradores de periferias. Há de se considerar aqui que eles participam como sujeitos, ainda que com menos poder de consumo, de uma cultura narcísica, o que faz da imagem de si e sua veiculação cada vez mais necessária para ser revisitado pelo outro e por si mesmo.

Permanecemos trabalhando com vários temas geradores, mas sob mesmo viés, o da escuta, o pensar acerca das relações entre os jovens e a comunidade, relações estéticas, imaginação, enfim, com os múltiplos processos psicossociais que envolvem seus entorno.

Neste cenário, o trabalho desenvolvido engendrou relações criativas que possibilitaram o deslocamento do vivido e a ressignificação dos lugares sociais ocupados por aquela juventude, num devir que teceu afecções promotoras de transformações psíquicas, e mudanças em uma direção mais emancipatória do sujeito naquele contexto comunitário. Neste aspecto, esclarecem-nos dois dos participantes na entrevista final: “Tinha coisas que eu não via, que eu não ia, e que eu tirei as fotos, e tiveram pessoas que gostaram, tiveram pessoas que vieram aqui, viram as fotos, e disseram: ‘essa aqui eu vou roubar’, chegaram e falaram isso pra gente” (Bruna). “Quando o cara olha, assim, eu já vejo um monte de lugares que dá pra tirar foto, tá ligado (sic). Tinham muitas coisas que eu tirei foto e que eu nem tinha percebido ainda” (Rafael).

Os passeios estéticos pela comunidade e todo o processo de fotografar e, posteriormente, expor as produções em espaços públicos, foram dispositivos ao estranhamento. Neste sentido, tais experiências são especiais em dissolver a marca da cotidianidade que tange o olhar, que congela o que se reitera pardamente no oceano infinito de afecções possíveis. Jovens que, embalhados por uma câmera e carregados de um horizonte artístico, instituíram-se como autores e fotógrafos. Rumaram como quem chega a algo como um desconhecido de si e da materialidade subjetivada que os cerca, tal como o estrangeiro, “(...) que acabou de chegar, é capaz de ver aquilo que os que lá estão não podem mais perceber. Ele é capaz de olhar as coisas como se fosse a primeira vez e de viver histórias originais” (Peixoto, 1988, p. 363).

O trabalho empreendido teve como desfecho a elaboração de exposições fotográficas que foram agenciadas em um centro cultural de uma universidade federal, no contexto comunitário onde se deu a intervenção e no terminal rodoviário da cidade. Algumas oficinas foram destinadas à escolha, por parte do grupo, das fotografias a serem expostas. Cada imagem contou com a produção de um título, realizada por seu autor ou de forma coletiva.

No dia da cerimônia de abertura da Exposição Fotográfica os jovens passaram uma tarde na universidade, e organizaram a disposição das imagens. O clima era de euforia e satisfação, uma vez que a cerimônia contou com a participação de autoridades da universidade, professores, alunos, assim como de moradores da comunidade, que tiveram seu traslado viabilizado por um ônibus. Os pais dos fotógrafos tiveram acesso ao trabalho

de seus filhos, o qual foi elogiado publicamente, o que possibilitou a potencialização de relações psicologicamente positivas.

O trabalho fotográfico foi conhecido e valorizado pela população daquela comunidade e os jovens reconheceram-se como criadores. Sujeitos que, com ferramentas técnicas simples, espírito crítico e estético, depararam-se com um eu que agora pode ser outro, um outro criativo e mais capacitado para o desenvolvimento de práticas sociais orientadas para a emancipação de si e daquele contexto comunitário. Podemos vislumbrar, nas linhas que se seguem, todo o processo oficinairo, culminando nas exposições das fotografias, como mediador para ressignificações:

Rafael:

Foi um sentimento melhor ainda (sobre a exposição na universidade), melhor ainda, porque vendo a gente como artista é não olhar a gente como pessoa que não têm nada pra fazer, que vive na favela: é porque é isso, é porque é aquilo, ta ligado (sic). Eu senti que se eu quiser uma coisa eu posso ter, e posso fazer, senti que as coisas acontecem não só pra quem é sucedido. (...) Falando por eles (outros jovens participantes), eu acho que eles se sentiram uma outra pessoa lá no momento, se acharam mais felizes, eu acho que eles se sentiram bem melhor. (...). Eu achei bom porque eu pude levar um pouco de orgulho para a comunidade, pra não ficar naquela: aqui eles só falam mal, agora eles viram que a gente tava mostrando uma coisa boa, foi uma coisa ótima que aconteceu.

Bruna:

Eu me senti uma pessoa importante, senti que me deram valor, porque aqui é cada um por si e Deus por todos, não tem aquela de valorização, e lá eu me senti uma pessoa bem valorizada, uma artista, foi muito legal. (...) Eu não sei explicar, eu me senti realizada, para mim foi um sonho. Nossa! Eu nunca ia pensar que eu ia estar lá, as coisas que eu fiz lá dispostas para os outros verem, eu nunca pensei nisso, eu nunca que sonhei. (...) Ah, é muito bom, porque daqui para frente eu quero fazer coisas como agora.

A alegria advinda desta experiência é tão grande quanto às incertezas suscitadas, mas ambas desembocam na esperança de que outras práticas possam se configurar como bons encontros a reverberar na memória de sujeitos e contextos, por mais adversas que sejam as situações. Recentemente soubemos que Rafael tomou lugar na organização narcotraficante de sua comunidade, caminho tortuoso, pois se sabe do confronto com a tensa violência e curto tempo de vida que, geralmente, são reservados a essas veredas.

Destarte, esperamos que as vivências desse jovem nas oficinas, bem como o muito que aprendemos com ele, ecoem em memórias que lhe incitem mais sorrisos e aumente ações mais sensíveis e criativas. Uma vez que a materialidade e as transformações impressas a essa são particularizadas no indivíduo, este, por sua vez, extravasa por todos os seus poros a cultura histórica que o constitui.

Intervenções que promovam rupturas nos modos de ser sensível, de estar no mundo, com os outros, a partir do poder de afecção, são bem-vindas e se mostram como ricas possibilidades nas áreas da psicologia e educação, em especial, como campo de experiências curriculares. São práticas que congregam, em uma estética criativa, os mais diversos códigos e subjetividades. Fomentam encontros embebidos na alegria espinosiana (Sawaia, 2006), que, ainda que por momentos, dissolve barreiras e objetivam belas produções culturais. Alegria e afeto, para Espinosa, têm sentido ético, pois é assim que a ética realiza sua força construtiva plena, com uma constituição prática do ser. A alegria é propriamente o momento que cria o por vir. Ética que seja reconhecida de forma autônoma e partir da qual possamos imprimir à historicidade, ao contexto comunitário e às nossas vidas, transformações que permitam ao devir ser mais inspirador.

Considerações Finais

O trabalho desenvolvido junto a jovens nesse contexto comunitário consagrou-se como uma importante e especial experiência de trabalho. Permitiu-nos transcender o espaço e cultura acadêmicos e entrelaçar o olhar na direção de outros contextos sócio-econômicos e outras possibilidades de ser. Consideramos que a constante construção de um espaço relacional voltado à intervenção psicossocial mediada por diferentes instrumentos vem a ser

muito promissor, espaço de encontros que podem ser muito prazerosos, instaurados sob um clima de respeito, carinho, confiança e descobertas de si, do outro, e das práticas sociais voltadas a horizontes mais abertos à criação.

Compreendemos que a proposta de intervenção foi desenvolvida numa perspectiva de troca e constante re-elaboração por parte de todos os envolvidos, uma vez que procuramos sustentar uma prática psicológica que se adequasse e se recriasse a partir das demandas, desejos e sonhos de cada participante. Em relação à queixa dos jovens quanto à invisibilidade e falta de voz, ou melhor, ausência da escuta, realmente, não a suprimimos completamente, mas construímos possibilidades para que essa necessidade fosse considerada e satisfeita por muitos momentos, quer em cada oficina, quer por meio da exposição fotográfica de grande alcance público.

Sabemos das injustiças quanto aos acessos aos bens culturais a que aqueles jovens foram relegados, e tantas outras pessoas que se encontram em uma situação de baixo poder aquisitivo, mas avaliamos que nossa prática psicológica naquele contexto comunitário configurou-se como um foco de perseverança. Uma prática de resistência e esperança a iluminar projetos de vida, relações consigo e com os pares, ou ao menos um 'click', tal como no momento em que somos a própria imagem a falar dos cantos mais escuros e alegres de nosso ser/viver. Um 'click' a ser guardado na memória, que, por demais envoltas por um dia difícil, ainda é porto a esperar a chegada dos mais emancipadores sonhos e realizações humanas.

Referências

Chauí, M. (2003). Ética, política e violência. In: Camacho, T. (Org). *Ensaio sobre violência*. Espírito Santo: EDUFES.

Espinosa, B. (1988). *Tratado teológico e político*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa Moeda.

Freire, P. (1985). *Educação e mudança*. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Guattari, F. (2004). *As três ecologias*. Campinas, SP: Papirus.

Joly, M. (1996). *Introdução à análise da imagem*. Campina: Papirus.

Maheirie, K. (2002). Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. *Revista Interações*, 7 (13), 31-44.

Peixoto, N. B. (1988). O olhar do estrangeiro. In: Novaes, A.(org.) *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras.

Sartre, J. P. (2000). *O ser e o nada*: ensaio de ontologia fenomenológica. Petrópolis: Vozes.

Sawaia, B. B. (1999a). *Comunidade como ética e estética da existência*: uma reflexão mediada pelo conceito de identidade. *Psyche*, 8 (1), 19-25.

Sawaia, B. B. (1999b) O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In: Sawaia, B. B. (org.). *As artimanhas da exclusão*: análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis: Vozes.

Sawaia, B. B. (2006) Introduzindo a afetividade na reflexão sobre estética imaginação e constituição do sujeito. In: Da Ros, S. Z.; Maheirie, K.; Zanella, A. V. (orgs). *Relações estéticas atividade criadora e imaginação: sujeitos e(em) experiência*. Florianópolis: NUP/CED/UFSC.

Vygotski, L. S. (2003). *Imaginación y creación en la edad infantil*. Buenos Aires. Nuestra América Editorial.

Werner, F. W.; Cabral, M. G.; Zanella, A. V. (2006). A sociedade da imagem e a imagem da sociedade: análise de discursos visuais produzidos por jovens [Resumo]. In: II Congresso Brasileiro Psicologia: Ciência e Profissão. Anais do II Congresso Brasileiro Psicologia: Ciência e Profissão, São Paulo, S.P.

¹ Acadêmico do curso de Psicologia – Universidade Federal de Santa Catarina.

² Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina.

³ Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina.

⁴ Doutora em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

[Endereço para correspondência](#)

Universidade Federal de Santa Catarina.
Campus Universitário Trindade
Departamento de Psicologia
Florianópolis – Santa Catarina CEP: 88010-970
E-mail: maheirie@gmail.com

ⁱ A exposição fotográfica teve o patrocínio da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis da UFSC, qualificando tecnicamente o trabalho fotográfico.

ⁱⁱ Sobre artefatos tecnológicos mais tardios a ressoar por subjetividades, como câmeras fotográficas, videográficas, e outras formas de mídia, ver Benjamin, 1985; Calvino, 1990, entre outros.

ⁱⁱⁱ Todos os nomes que aparecem neste artigo, seja de localidades ou de pessoas, são fictícios.

^{iv} Os discursos contemplados neste escrito foram extraídos de uma entrevista, sob molde de grupo focal, realizada com os jovens no último encontro, no qual houve a discussão sobre as implicações das experiências vividas ao longo do estágio. Infelizmente somente três participantes compareceram, sendo que um deles, de modo tímido, pouco falou.